

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**OS TEXTOS DE OMBUDSMAN DA FOLHA DE SÃO PAULO COMO
GÊNERO DO DISCURSO:
uma análise bakhtiniana**

Rafael Grohmann¹

Resumo

Este artigo analisa, a partir da Teoria Dialógica do Discurso, o gênero coluna de ombudsman da Folha de São Paulo. A partir da teoria de Mikhail Bakhtin e do seu Círculo, são utilizados os conceitos de dialogismo, plurilinguismo, autor, arquetônica, e principalmente, gêneros do discurso, compreendendo este gênero em diálogo com outros, considerando, como Bakhtin, que o discurso só se constrói na relação com o outro.

Palavras-chave: Ombudsman. Gênero do Discurso. Bakhtin. Jornalismo. Plurilinguismo

Introdução

Há um imaginário social sobre a profissão de jornalista que coloca o senso crítico como um dos principais atributos destes profissionais. Partindo desta pressuposição, qual jornalista já não deve ter sonhado em publicar críticas sobre o próprio jornal onde trabalha

¹ Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rafael.gr@usp.br

sem correr o risco de ser demitido? Pois esta é a função do ombudsman, que significa representante, em sueco.

O objetivo deste artigo é analisar, a partir da Teoria Dialógica do Discurso, o gênero coluna de ombudsman da Folha de São Paulo, o único periódico nacional de grande tiragem no país que possui um jornalista com esta função, em um período determinado, e observar como estas colunas expressam um ideal de jornalismo, de profissional e como o gênero nos ajuda a compreender a posição do ombudsman dentro de uma empresa de comunicação. Como diz Maingueneau (2006: 175), “essa análise discursiva pode levantar questões estimulantes entre a relação entre as propriedades lingüísticas dos textos e as propriedades de comunidades discursivas”.

O *corpus*, lugar de onde se inicia a análise, é formado pela primeira e pela última coluna ombudsman do jornal “Folha de São Paulo” do último colunista a terminar o mandato, Carlos Eduardo Lins da Silva², que compreende os dias 4 de maio de 2008 e 21 de fevereiro de 2010. No entanto, como a análise bakhtiniana se dá através de relações dialógicas, o *corpus* é constituído pela página inteira do jornal onde a coluna foi publicada.

Fundamentos Teóricos

O Círculo de Bakhtin não possui uma teoria fechada, com os conceitos definidos a priori para uma análise. Muito pelo contrário: até pela multiplicidade de autores no círculo e pelos diferentes contextos de produção dos textos, o Círculo possui uma teoria em que há varias vozes o tempo todo, para formar uma arquitetura, que está nas fronteiras das disciplinas. Como diz Geraldo Tadeu Souza (1999, p. 85), “cada conceito do círculo é um ‘eu’ da Arquitetônica, cada definição de conceito permite enxergar a extensão do todo. A importância individual do conceito reflete e refrata as suas relações com todos os outros”.

O conceito de gênero do discurso tem uma historicidade no Círculo de Bakhtin, que se inicia com um texto de 1928, de autoria de Medvedev (2003), continua com dois textos de Volochinov, “Discurso na vida e discurso a arte”, de 1926 e “Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, de 1929. Entre 1952 e 1953, Bakhtin publicou o texto “Os Gêneros do Discurso”, texto mais citado na área, e em 1963, “Problemas da Poética de Dostoievski”.

² A atual ombudsman do jornal é a jornalista Suzana Singer, que ocupa o cargo desde 25 de abril de 2010.

Em Medvedev (2003), o gênero é concebido como dupla orientação dialógica para com o real e a vida. Em primeiro lugar, a obra se orienta para o ouvinte e para as condições definidas de atuação e recepção. Depois, a obra orienta-se na vida, por seu conteúdo temático. Assim, cada gênero orienta-se de seu modo em torno dos acontecimentos da vida. Trata-se do ponto de partida da análise, e “cada gênero possui determinados princípios de seleção, determinadas formas de visão e concepção de realidade, determinados graus na capacidade abarcá-la e na profundidade de penetração dela” (Medvedev, 2003: 210).

O gênero também não deve ser abstraído da esfera que o cria e usa, bem como das coordenadas de tempo-espaço e das relações entre os interlocutores, pois o gênero nunca é em si mesmo. Sheila Grillo (2006) afirma que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera. Além disso, ela ressalta a contribuição de Pierre Bourdieu (2007) para se pensar o gênero como valor distintivo, ou seja, o prestígio que cada gênero possui em determinada esfera³.

Volochinov (1992), contrapondo-se ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato, considera que cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. E é na inter-relação, ou seja, nas relações dialógicas, que entendemos os gêneros, tentando entender a importância do gênero em cada esfera.

Ainda neste texto, Volochinov (1992) descreve a ordem metodológica para um estudo da língua, o que refuta a ideia de que o Círculo não possui uma metodologia. Para ele, deve-se estudar, primeiramente, as formas e os tipos de interação verbal em relação com as condições concretas; depois, as formas das diferentes enunciações, além da interpretação linguística que ele considera “habitual”.

Em “Os Gêneros do Discurso”, Bakhtin (2003a) afirma que, apesar de cada enunciado particular ser individual, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado” (Bakhtin, 2003a: 262), que são os gêneros do discurso. Para seu estudo, deve-se considerar o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional.

³ Ou campo, se formos considerar o conceito de Bourdieu (cf: Grillo, 2008).

Há uma delimitação metodológica: o enunciado deve ser considerado como unidade e como elo da comunicação discursiva, e constitui-se na atitude responsiva, com a alternância do sujeito. Mais uma vez, são ressaltadas as condições de produção dos enunciados, que são as causas das diversidades dos gêneros, como a esfera comunicativa de circulação, dimensão tempo-espaço, relações hierárquicas e interpessoais propícias à esfera, além do lugar social e dos tipos de relações sociais dos participantes

Deste modo, é preciso analisar as relações dialógicas dentro de enunciado⁴, considerando a conclusibilidade específica do enunciado, o tema e objeto de sentido do enunciado, a finalidade e o querer dizer do sujeito e a expressividade ou acentuação valorativa, além do estilo. Como diz Bakhtin (2003a: 265), “todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. Assim, todo fenômeno novo na língua, para integrar o sistema, já deve ter percorrido um caminho de experimentação de estilos e gêneros, e “é no interior de um gênero do discurso determinado que o enunciado concreto ocupa uma posição definida em relação a um determinado tema” (Souza, 1999: 108). Além disso, como diz Bakhtin (2003a: 102), “em cada perspectiva estética do objeto parece estar latente uma determinada imagem do homem”.

Em “Problemas da Poética de Dostoiévski”, Bakhtin (1997) aborda qual deve ser o objeto de estudo da metalinguística: as relações dialógicas, e é no embate que se constitui o dialógico. “A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz” (Bakhtin, 1997: 203). A palavra, portanto, tem um duplo sentido, do discurso enquanto palavra comum, e enquanto discurso para um outro. Para ele, o gênero deve ser visto como uma determinada forma de enxergar a realidade, e não como uma fôrma, pois ele próprio já constitui uma “visão de mundo”.

O sujeito no Círculo de Bakhtin age sob as condições das esferas onde atua, mas, ao mesmo tempo, é responsável pelos seus próprios atos, e responde ao outro, refletindo e refratando, considerando que todo ato é, ao mesmo tempo, ético e estético. Pois, como afirma Bakhtin (2003b), todo enunciado possui uma espécie de autor. Para ele (Bakhtin,

⁴ “Cada enunciado deve ser visto, antes de tudo, como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (Bakhtin, 2003, p. 297), ou seja, o enunciado não está voltado somente para o seu objeto.

2003b: 10-11), o autor é o “agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo do personagem e da obra, e este é transgrediente a cada elemento particular desta. A consciência do autor é a consciência da consciência”.

A autoria é constituída no interior de uma obra e é sempre, ao menos, de duas pessoas, uma autoria dialógica. O conceito de “excedente de visão estética” é importante neste contexto, pois “eu” estou em uma posição no mundo em que ninguém mais está, portanto, tem-se uma visão diferenciada, e o que está em jogo é a relação com o “outro”. Para Bakhtin (2003b: 24),

Quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos dele, na categoria do outro, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma compenetração eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético.

Neste sentido, é bom que o “outro” permaneça fora de mim, pois não seria enriquecedor se “eu” apenas me fundisse no “outro”. E o excedente de visão permite certo acabamento estético. Por exemplo, um jornalista diante de uma notícia vai ter um excedente de visão diferente de um padre que estiver diante da mesma notícia

Outro conceito importante é o de plurilinguismo, dissecado por Bakhtin (1993) a partir das formas exteriores do romance, dos gêneros intercalados e da pessoa que fala no romance. O conceito de plurilinguismo é diferente de polifonia, pois este é relacionado ao desacordo, ao embate *ad infinitum*, e ao romance polifônico. Assim, o melhor conceito para se pensar o plurilinguismo é o de relações dialógicas e não o de polifonia, pois se concebe todo texto como pluri-lingual e pluri-social.

O plurilinguismo é definido como um “conjunto de linguagens diferentes trazidas pelas personagens que falam nas suas linguagens e nos seus discursos originais” (Campos, 2009: 123). Trata-se da bivocalidade, das dissonâncias e contradições e de um diálogo de várias vozes e linguagens, ou seja, a pessoa não fala por ela mesma, pois o discurso é uma linguagem social. Já o conceito de gêneros intercalados tem sua importância, para Bakhtin (1993), a partir do papel que ele desempenha ao “introduzir, no romance, linguagens que estratificam a unidade linguística e aprofundam de modo novo a sua multiplicidade” (Campos, 2009: 124). Neste sentido, o conceito é importante para conceber, adiante, como se intercala um gênero no outro no discurso jornalístico.

O que Bakhtin nos ensina é que o pesquisador deve manter uma postura dialógica, ou seja, conceber que não existem as categorias a priori e que deve estabelecer conexões e compreender as relações dialógicas que estão em um determinado *corpus*. Portanto, trata-se de comparar determinada coerência entre conjunto de textos que falam entre si, dentro de uma dimensão tempo-espaço.

Deste modo, à luz da arquitetura bakhtiniana, apresentada de forma panorâmica, passaremos à análise dos textos da coluna de ombudsman da “Folha de São Paulo”.

Análise

Para a análise do corpus, focaremos as relações dialógicas presentes na primeira e na última coluna do ombudsman Carlos Eduardo Lins da Silva no jornal Folha de São Paulo, publicadas em dias de domingo em 4 de março de 2008 e 21 de fevereiro de 2010. Os títulos das colunas são “Vida Severina e vida Serafina” e “1 é pouco, 2 é bom, 3 é demais”, respectivamente. Deste modo, primeiramente, podemos afirmar que os textos pertencem à esfera jornalística, e, portanto, já estão incluídos em um determinado contexto.

Em relação às relações da coluna com o seu exterior, em nenhum dos dias há chamadas para a coluna na primeira página do jornal, como também não há nenhuma referência na página dois, onde estão os editoriais e colunas de opinião, como as de Eliane Cantanhêde e Clóvis Rossi. A coluna se encontra no caderno “Brasil”, que se destina a cobrir, principalmente, notícias políticas, sendo que a primeira coluna se encontra na página A6 e a segunda, na página A8. Ou seja, há um espaço mais ou menos definido onde fica a coluna no jornal, sendo que ela ocupa metade da página (no primeiro dia, cortado na vertical, e no outro, na horizontal).

O texto que divide a página com a coluna do primeiro dia tem o título: “Datafolha cresce e completa 25 anos como referência”. Trata-se de uma notícia, com o nome do repórter que a escreveu, e que tem um enfoque institucional, mostrando os feitos do instituto de pesquisas que é do mesmo grupo de empresas do jornal Folha de São Paulo. A ligação com o jornal pode ser comprovado no enunciado: “hoje é uma empresa com vôo próprio e continua tendo na Folha o seu principal cliente” (Folha de São Paulo, A6, 4/05/2008). Isto revela a importância desta página para a imagem do jornal e para a empresa, o que pode ser revelado neste texto a partir dos seguintes trechos: “tenho orgulho

de ter trabalhado no DataFolha...”, “instituto foi pioneiro em informar a metodologia usada nas pesquisas” (Folha de São Paulo, A6, 4/05/2008). Deste modo, dialogando com a coluna do ombudsman, mostra que este gênero discursivo tem uma importância institucional, e que, de certo modo, a crítica ao jornal faz parte do próprio fazer jornalístico do veículo.

A segunda coluna traz, junto dela, a coluna “Semana do Leitor”, que se trata de uma seleção de cartas recebidas pelo jornal durante a semana. Deste modo, colocando-a junto da coluna do ombudsman, trata-se de mostrar a importância da comunicação com o leitor para o jornal, e como a coluna do ombudsman pode ser utilizada para ouvir o leitor. Ressalta-se que nenhuma notícia política nacional, que, teoricamente, é o principal texto do caderno, está ao lado da coluna do ombudsman, o que, de certa forma, confere um caráter distintivo, de prestígio, à coluna.

Em relação propriamente às colunas, podemos afirmar que não se trata de uma notícia, onde se quer contar um fato, geralmente pontual, nem uma reportagem, onde se tem entrevistas e investigações mais apuradas de um fato. Difere-se, ainda, dos dois textos que acompanham as colunas, e que já foram aqui referidos, pois não se trata de dar voz ao leitor, nem de publicar uma notícia institucional. Portanto, como nos mostra a arquitetura bakhtiniana, uma diferença entre o “eu” e o “outro”, em que o eu se relaciona com o outro, mas não se funde.

A coluna também não pode ser considerada um editorial, pois ele se encontra na segunda página do jornal, em espaço próprio destinado a abordar a opinião oficial do jornal sobre determinado assunto, e não é assinado, ao contrário da coluna do ombudsman. Não se trata, ainda, puramente, de uma coluna de opinião, pois ela também se encontra, ou nos cadernos especializados em economia, esportes e cultura, ou na segunda página do jornal. A coluna do ombudsman, então, é um gênero intercalado entre uma coluna de opinião e um editorial, pois se trata da opinião de alguém de prestígio, com coluna assinada, mas não um texto sobre um assunto qualquer. Traz a posição institucional, que é cara ao editorial, mas não se destina a defender a posição assumida pelo jornal como um todo, como revela o próprio nome assinado do colunista. Deste modo, é um texto que objetiva fazer a crítica autorizada à cobertura do jornal durante a semana. Isto pode ser exemplificado a partir de um enunciado, abaixo da coluna, ao título de “Fale com o Ombudsman”, em que explica a sua função:

Carlos Eduardo Lins da Silva é o ombudsman da Folha desde 22 de abril de 2008. O ombudsman tem mandato de um ano, renovável por mais dois. Não pode ser demitido durante o exercício da função e tem estabilidade por seis meses após deixá-la. Suas atribuições são criticar o jornal sob a perspectiva dos leitores, recebendo e verificando suas reclamações, e comentar, aos domingos, o noticiário dos meios de comunicação. (Folha de São Paulo, A6, 4/05/2008).

A partir disso, pode-se perceber a figura do ombudsman como um “ouvidor”, alguém a quem os leitores podem recorrer, e, ao mesmo tempo, alguém que é o “guardião do bom jornalismo”, e por isso, enunciará quais caminhos os jornais devem seguir.

Temos que compreender também questões de autoria e o excedente de visão estética do texto, pois, ao mesmo tempo em que o texto é do ombudsman (instituição), é o texto do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (singularidade). Contudo, para compreender o autor-criador, é preciso recorrer ao material linguístico, e não apenas ao autor-pessoa. Respaldo por ser o segundo assunto mais comentado da semana, o autor criticou a nova revista do jornal, “Serafina”, sobre celebridades, como diz a legenda do texto: “o caminho que vai garantir relevância aos jornais diários em sua luta pela sobrevivência não passa por revistas que tratam de celebridades”. Neste enunciado, pode-se perceber algo que é reiterável nas colunas de ombudsman: o discurso sobre o jornalismo.

Provavelmente a vizinhança editorial não ocorreu porque o jornal quisesse chamar a atenção do leitor para o abismo social que separa ricos de pobres nesta sociedade. É mais provável que tenha resultado de uma fórmula engessada, que manda colocar, lado a lado, os suplementos, no caso as revistas do jornal (Folha de São Paulo, A6, 4/05/2008).

Além do discurso sobre o jornalismo, que é reiterável, há algo que é próprio ao autor-criador, resquícios do seu histórico acadêmico e político, demonstrando que sabe o quanto a diagramação é importante na significação do jornal, e demonstra claramente ser a sua opinião, como no enunciado a seguir, cujo traço de singularidade pode ser exemplificado pelo “a meu ver”: “parece querer chamar a atenção ao explorar a contradição entre um produto sofisticado e um nome associado à pobreza, algo um pouco acintoso e debochado, a meu ver”. Outro enunciado liga o jogador Ronaldo aos olímpicos, conceito que, na teoria da comunicação, estudada pelo autor, se relaciona ao filósofo Edgar Morin (1969).

O autor responde ao jornal Folha de São Paulo (instituição) e aos leitores, como no enunciado a seguir: “devo analisar o produto sob a ótica dos leitores e da lógica estratégica que a Folha se propõe a seguir”. Ou seja, ao mesmo tempo em que se proclama o defensor dos leitores do jornal, ele não nega que é um funcionário do jornal, e quer vê-lo melhorar.

Na segunda coluna, destinada à despedida do colunista de sua função, há o plano do reiterável, da significação, em que dialoga novamente, com os leitores e com o jornal. “Acredito que a principal função do ombudsman seja estimular o diálogo honesto e racional entre leitor e Redação por meio de discussão respeitosa e cordial sobre erros” (Folha de São Paulo, A8, 21/02/2010). Estes erros poderiam ser tanto da parte dos leitores quanto do jornal, ou seja, trata-se da figura do ombudsman como conciliador e facilitador da relação entre leitor e jornal.

No plano da autoria, o autor-criador recusa um terceiro ano como ombudsman do jornal por causa do cenário político: “no meu caso, um terceiro mandato seria particularmente inviável por coincidir com uma eleição presidencial em que se exercitarão com força total os piores instintos de parcela pequena mas nefasta do eleitorado”, “não sou talhado para esse tipo de embate. Não tenho habilidade, disposição, instrumental para me sair bem nele” (Folha de São Paulo, A8, 21/02/2010).. Ou seja, há o diálogo com a esfera política, e a afirmação de que ela interfere na esfera jornalística, principalmente em ano de eleição para presidente da República.

Há, ainda de se considerar, o diálogo de outros elementos dos textos, como figuras e destaques na própria página. As duas colunas possuem charges: a primeira, um homem que aparece ao lado de uma máquina fotográfica, muito maior do que ele, representando a questão das celebridades, e como o jornalista se apequena diante delas; a segunda, um político, acenando com os dedos, com um rolo de papel atrás, que pode simbolizar tanto a impressão do jornal quanto “enrolação” para com o eleitor. Pode-se perceber, então, como as imagens significam o texto do próprio autor-criador, respondendo, a todo o momento, à esfera jornalística e à esfera política.

Ainda há, em todas as colunas, frases de leitores que chamaram a atenção do colunista, exemplos de dois temas que o colunista considera que o jornal fez uma boa cobertura dos fatos, e dois temas que considera que o veículo não realizou uma boa cobertura. Além disso, há dicas de livros e filmes relacionados ao tema da coluna do dia.

Ou seja, há, por um lado, um recado aos jornalistas da empresa, a partir de elogios ou críticas à cobertura, e por outro, como um espaço pedagógico, mostrando ao leitor outras formas de se informar sobre o mesmo assunto.

Os textos ainda trazem reflexões/refrações com relação à profissão de jornalista e às empresas de comunicação. Ou seja, algumas respostas são apenas à Folha de São Paulo como instituição, mas há casos de generalização à esfera jornalística, como neste enunciado: “leigos costumam achar que jornalismo é profissão sem rotina. Ledo engano. Todo ano tem Carnaval, Campeonato Brasileiro e enchentes em São Paulo; a cada dois, eleições em bienais; de dois em dois ou Copa do Mundo ou Olimpíada; todos os dias, fofocas políticas e denúncias de corrupção” (Folha de São Paulo, A8, 21/02/2010). Há uma refração ao imaginário social que considera o jornalismo uma profissão de aventuras, “uma tribo dos caçadores de notícias” (Ribeiro, 2006), tentando dialogar com a esfera jornalística e com os leitores, em geral.

As respostas também podem ser, mais claramente ao veículo, mas podendo generalizar à esfera, como as tensões decorrentes da esfera jornalística: “depois do segundo ano de críticas, ou o ombudsman já conseguiu convencer a Redação de algo ou dificilmente o fará (...). Discurso e reação começam a ser previsíveis e se tornam inúteis”. (Folha de São Paulo, A8, 21/02/2010). Demonstra, então, como ser autor-criador de uma coluna de ombudsman pode ser desgastante para o sujeito, pois está sempre refletindo/refratando polêmicas da esfera jornalística, bem como das esferas políticas e econômicas, por exemplo.

Considerações Finais

Em alguma medida, este artigo realizou um esforço de compreender a análise dialógica do discurso, a partir do Círculo de Bakhtin e sua visão sobre os gêneros discursivos, tentando melhor entender a coluna de ombudsman do jornal Folha de São Paulo, a partir dos textos de Carlos Eduardo Lins da Silva. Este início de pesquisa, realizado por um sujeito/autor que tem origem na esfera jornalística e sem nenhuma experiência anterior com análise bakhtiniana, nos permitiu concluir sobre o destinatário das colunas de ombudsman, pois em todos os conceitos perpassa que as respostas do autor (que é um autor de prestígio na esfera) se referem tanto ao jornal Folha de São Paulo quanto aos

leitores do jornal, como um conciliador entre as duas partes, tentando, ainda generalizar algumas posições a toda esfera jornalística. Deste modo, há uma bivocalidade, um plurilinguismo em que o autor não fala por ele mesmo, mas, ao mesmo tempo, pela instituição em que trabalha e pelos leitores do jornal, confirmando, portanto, a conceituação bakhtiniana do discurso como linguagem social.

Referências

- BAJTÍN, M. Autor y herói em la actividad estética. **Hacia una filosofía del acto ético**. Anthropos; San Juan: Universidad de Pierto Rico, 1997.
- BAJTÍN, M./ MEDVEDEV, P. Los elementos de la construcción artística. In: **El método formal en los estudios literários**: introducción crítica a una poética sociológica. Madrid: Alianza Editorial, 1994
- BAKHTIN, M. O Discurso no Romance. In: **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. 3. Ed. São Paulo: Hucitec, 1993a
- _____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.
- _____. O autor e a personagem. A forma espacial da personagem. In: **Estética da Criação Verbal**. Trad: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.
- BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad.: Michel Lahud e yara Frateschi Vieira. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007
- CAMPOS, M. I. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSTA, C. T. **Ombudsman**: o Relógio de Pascal. São Paulo: Geração Editorial, 2006.
- GRILLO, S. Esfera e Campo, In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006
- MAINGUENEAU, D. Análise de um gênero acadêmico. **Cenas da enunciação**.. Curitiba: Criar, 2006, p. 146-176.
- MORIN, E. **Culturas de Massa no Século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1969
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. A tribo dos caçadores de notícias. **Ciberteologia**: revista de teologia & cultura. N. 6, Ano II. Julho/Agosto, 2006.
- SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/ Volochinov/ Medvedev**. São Paulo: Humanitas, 1999.